

## Kanny Luis

### Presidente Clemente Chiquete mantém liderança da UARU

Em assembleia extraordinária realizada no sábado dia 11/10/25, no 55 Willington Road, SW9 9NB, os associados da União dos Angolanos no Reino Unido (UARU) votaram pela continuidade do presidente Clemente Chiquete no comando da organização. O encontro, que ocorreu das 13h às 17h30, consolidou o apoio majoritário dos membros à gestão de Chiquete, que segue à frente dos projetos da entidade.

Em discurso emocionado, o presidente agradeceu a confiança dos associados - “Reconheço que muitos erros foram cometidos, mas também houve progresso significativo. Ainda não atingimos todos os objetivos, mas com a colaboração de cada um, tenho certeza de que chegaremos lá”, afirmou. Chiquete destacou avanços em áreas como transparência administrativa e inclusão social, mas admitiu desafios pendentes, especialmente em relação à conectividade com gerações mais jovens.

Um dos pontos centrais de seu novo mandato será a aproximação com jovens associados. “Vamos trabalhar lado a lado com a juventude para garantir que a UARU evolua sem perder seus valores fundamentais. Eles são o futuro, e suas ideias serão essenciais para renovar nossa organização”, declarou Chiquete. A promessa foi recebida com aplausos, sinalizando otimismo entre os presentes.



a esquerda, presidente Chiquete, vice presidente Lourenço e Victoria Sebastiao auxiliar das finanças



Entre os muitos trajes, somente dois capturaram os olhares dos presentes

## Joana Pedro

### Angola celebrou 50 anos de independência em Londres

LONDRES – A tarde de sábado (8), em pleno coração da capital britânica, foi palco de uma celebração memorável, os 50 anos da independência de Angola. Reunidos num salão vibrante e caloroso, cerca de 240 membros da comunidade angolana e amigos de Angola deram corpo e alma a uma festa que foi, acima de tudo, um tributo à história, à cultura e à saudade da terra-mãe.

O ambiente era de pura exaltação. Vestimentas tradicionais, panos coloridos e aromas familiares preenchiam o espaço. Ao centro, o embaixador José Patrício, cuja presença conferiu solenidade e orgulho ao momento, foi recebido com cânticos e aplausos. A multidão, emocionada, entoava melodias tradicionais que ecoavam como um abraço coletivo à memória de um país que, há meio século, conquistava a sua liberdade.

Mas foi nos detalhes que a tarde se tornou inesquecível. Os desfiles de trajes tradicionais angolanos arrancaram suspiros e aplausos.

A jornalista da UARU presente descreveu-os como “um desfile vivo da alma angolana”. Entre os muitos trajes, um em particular capturou todos os olhares, uma combinação rara e harmoniosa de elementos das culturas Lunda e Bakongo, vestida por uma mulher cuja postura evocava a nortenha ancestral – altiva, serena, profundamente enraizada. O traje, composto por uma saia de panos estampados – mulele ua jiponda, mulele ua xaxi, mulele ua tandu – e adornado com miçangas e tecidos de cores vibrantes, simbolizava a fusão entre o nordeste diamantífero das Lundas e a tradição mercantil e espiritual dos Bakongo. Era mais do que um vestuário, era uma narrativa visual de pertença e resistência. Foi nesse momento que Leila Lopes, Miss Universo 2011 e ícone da beleza angolana, se levantou discretamente da sua mesa. Visivelmente tocada, aproximou-se da figura trajada e, com um sorriso sincero, elogiou a autenticidade e a força simbólica da indumentária. “É isto que é Angola”

### Processo Democrático Inédito

Maria João

O ‘ghetto venceu’ porque escolhemos a esperança sobre a divisão

Pag-2

### O Legado de Sacrifício e Inclusão no Remembrance Day

Joseph Tanner

Este dia solene é um apelo à reflexão para a Comunidade Angolana residente no Reino Unido

Pag-3

### Como fundamos esta comunidade Angolana no Reino Unido?

Kanny Luis

O exercício democrático de 1 de novembro, em que votámos para instituir o Dia da Comunidade Angolana no Reino Unido, foi mais que uma eleição, foi um ritual de afirmação

Pag-4

Maria João

Data Oficial em Processo Democrático Inédito “28/7 - dia da comunidade Angolana no Reino Unido”

Com lema “a guerra se faz com soldados presentes” se realizou o maior exercício democrático jamais visto na comunidade Angolana na diáspora.

A recente votação realizada pela comunidade angolana no Reino Unido, num dia chuvoso, foi um verdadeiro exemplo de democracia participativa. Com 1.144 participantes – 1.100 votando online e 44 presentes – este evento se destacou como um marco na história da diáspora angolana, onde membros da comunidade se uniram para escolher o dia que simbolizaria sua identidade e cultura.

Flávio Marques, moderador da sessão, ressaltou a importância desse ato significativo e disse; “Mostrámos que, mesmo longe da pátria, sabemos honrar nossa identidade com união e respeito às regras democráticas.” A escolha do 28 de julho, que obteve 53,13% dos votos, representa um desejo profundo de celebrar a cultura angolana. Amândio

Duarte, presidente da mesa de votos, explicou: “Este dia resgata o orgulho de sermos angolanos, independentemente de divisões de escolha ou pequenas políticas divisionistas.”

O evento não se limitou ao âmbito local, mas também teve um impacto africano de língua portuguesa, com a presença de observadores de outros africanos, como Marcos Lopes e Sam Fortes Oliveira, de Cabo Verde. Sónia Ibrahim, de Moçambique, destacou que “esta iniciativa é um farol para outras diásporas, provando que a democracia participativa fortalece comunidades migrantes.” Essa troca de experiências e solidariedade entre as comunidades africanas enriqueceu ainda mais a celebração.

A repercussão da votação foi calorosa, gerando aplausos e até lágrimas de alegria entre os participantes, muitos dos quais nunca imaginaram ver tal mobilização fora de Angola. O 28 de julho agora será um

dia dedicado a debates sobre identidade cultural, apresentações de música angolana, e iniciativas educativas voltadas para os jovens.

Anastácio da Cruz, coordenador da comissão organizadora, capturou perfeitamente o espírito



do evento ao afirmar: “O ‘ghetto venceu’ porque escolhemos a esperança sobre a divisão.” O compromisso da comunidade agora é transformar essa data em um símbolo de resistência cultural e cidadania ativa, inspirando as futuras gerações a se unirem em torno de suas raízes.



“Este marco não representa apenas o primeiro processo eleitoral independente na diáspora angolana europeia, mas também estabelece um modelo de governança comunitária que poderá ser replicado por outros grupos migrantes” disse o presidente da mesa, Amândio Duarte

28/7 - dia da comunidade Angolana no Reino Unido

Este marco não representa apenas o primeiro processo eleitoral independente na diáspora angolana europeia, mas também estabelece um modelo de governança comunitária que poderá ser replicado por outros grupos migrantes. A colaboração entre os PALOP no Reino Unido foi fortalecida, e a celebração do 28 de julho promete ressoar além das fronteiras britânicas, unindo angolanos ao redor do mundo. Juntos, celebramos não apenas uma data, mas a força e a resiliência de uma comunidade que,

mesmo distante, mantém viva a chama de sua cultura e identidade.

A **União Comunitária** é um desígnio que todos ambicionamos, mas que, infelizmente, tem sido posto à prova por ações que parecem ir contra o bem comum. É fundamental criar espaços para o diálogo aberto e sincero, onde todos possam expressar suas opiniões e ideias sem medo de julgamento. Ao invés de se concentrar nas diferenças, devíamos destacar os objetivos comuns que unem a comunidade.



Não podemos fechar os olhos ao facto de que algumas organizações, são familiares, 3-4 indivíduos que nada fazem para a comunidade. O ponto mais chocante é que num universo de mais de **30.000 habitantes**, onde uma esmagadora maioria (**99,5%**) não está registada em nenhuma organização, continuavam calados perante o dia (27/6), como a escolha do nosso Dia.

A Comunidade Foi Clara

O nosso Dia 28/7 foi escolhido de forma **aberta, justa e imparcial**. É de recordar que a união não se constrói com segredos, mas sim com a participação e o respeito pela vontade da maioria. O nosso descontentamento foi a força motriz para restabelecer o processo democratico de 1 de novembro de 2025

A comunidade angolana no Reino Unido é uma família. E como em toda família, existem diferenças de opinião. No entanto, o que nos une é muito mais forte do que o que nos divide. Ao celebrar nossa diversidade e praticar o respeito mútuo, podemos construir uma comunidade ainda mais forte e próspera.

Joseph Tanner

**O Legado de Sacrício e Inclusão no Remembrance Day em Harrow**



Silêncio de Honra em Harrow une Comunidade Angolana à Memória dos Combatentes do Reino Unido

**Harrow** - O passado e o presente uniram-se este Domingo (9) em Harrow, nas periferias de Londres, quando o município observou solenemente o

Remembrance Day (Dia da Memória). Longe do central Cenotaph em Westminster, as cerimónias locais, como a realizada em Harrow, ressaltam a importância deste dia para a coesão social e o reconhecimento das minorias que, ao longo de séculos, contribuíram para a defesa e a liberdade do Reino Unido.

**O Gesto Solene do Mayor de Harrow**  
A cerimónia local em Harrow foi marcada pela emotiva deposição de uma coroa de flores, um gesto liderado pelo Mayor de Harrow, em memória dos soldados que ofereceram a sua vida. Este ato simbólico, replicado em inúmeros memoriais por todo o país, representa o tributo da nação aos membros das Forças Armadas Britânicas e da Commonwealth que pereceram em conflito.

"Nunca devemos esquecer os sacrifícios feitos por aqueles que lutaram pela nossa liberdade. Honramos e lembramos os que serviram, no passado e no presente," afirmou um representante local, sublinhando o caráter perene da gratidão.

**A Contribuição Esquecida das Minorias**

Para a Comunidade Angolana no Reino Unido, o Remembrance Day transporta uma camada adicional de significado. Tradicionalmente, o foco tem-se centrado nos combatentes britânicos, mas a história revela a crucial participação de milhões de homens e mulheres oriundos dos territórios coloniais e da Commonwealth.

**Apelo à Reflexão da Comunidade Angolana**

Este dia solene é um apelo à reflexão para a Comunidade Angolana residente no Reino Unido  
**Não é apenas uma homenagem à história britânica; é um momento para reivindicar e inserir a narrativa da diáspora, que é complexa, mas inegavelmente ligada ao sacrifício pela paz e pela democracia. O Reino Unido de hoje é mais inclusivo, em grande parte, devido ao sangue e ao suor derramados por minorias.**  
Ao assistir aos atos como o de Harrow, a comunidade não só honra os mortos, como também afirma a sua presença e papel vital no tecido social e cívico da Grã-Bretanha contemporânea. É uma oportunidade para as novas gerações perceberem que a história da imigração e da minoria no Reino Unido é, em parte, também uma história de serviço e de heroísmo militar.



O desfile incluiu membros das Forças Armadas e cadetes

**Valorizar a Comunidade Angolana**

Embora Angola, como nação soberana, não estivesse na Commonwealth, a cerimónia oferece um momento de solidariedade e de reconhecimento da experiência de muitas outras comunidades africanas, cujas histórias de sacrifício se cruzam. Além disso, muitos descendentes de combatentes da Commonwealth hoje integram as comunidades Angolana e lusófonas do Reino Unido.

O Dia da Memória em 2025 serve, por isso, como um momento oportuno para reconhecer a inclusão histórica. Sublinhar que a liberdade do Reino Unido foi conquistada por uma coligação verdadeiramente

global e multicultural, desafiando a perceção de que o esforço de guerra foi puramente 'branco e britânico'.

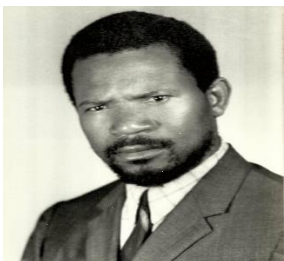
O desfile incluiu membros das Forças Armadas, cadetes, scouts (escuteiros) e outras organizações comunitárias. Começou às 10h15 na Greenhill Way, seguiu pela Station Road, e fez uma paragem no memorial de guerra na St Anns Road. O trânsito foi interrompido por um breve período enquanto o desfile decorreu.



A união não se constrói com segredos, mas sim com a participação e o respeito pela vontade da maioria.

## Como fundamos esta comunidade Angolana no Reino Unido?

### Entre o Ideal e a Realidade



Kanny Luis

Chegar a Londres nos anos 80 era como desembarcar num mar revolto. A cidade parecia um rio largo, onde cada bairro era uma margem diferente. Paddington, Tottenham, Brixton, e Wembley tornaram-se os nossos portos de abrigo, lugares onde a saudade se misturava com o cheiro das

cozinhas improvisadas e o batuque das memórias. Tottenham era o campo de batalha da sobrevivência, onde muitos asilados encontraram ali casas partilhadas, onde cada quarto era uma trincheira contra a solidão. Brixton, com o seu pulsar africano e caribenho, era como um mercado de vozes, ali aprendíamos que a diáspora é uma árvore com muitas raízes, mas que dá sombra a todos. Os hotéis de Paddington tornou-se o quintal da nossa pequena comunidade, onde os primeiros asilados ficavam como sementes lançadas ao vento. E também como lugar onde se fundou a primeira equipa angolana. Depois veio o Wembley, símbolo de glória desportiva, era para nós metáfora de vitória, mesmo sem taças, cada documento conquistado era um troféu levantado ao céu.

A vida do refugiado era como atravessar um deserto com apenas uma cabaça de água. O asilo político era a única sombra, mas demorava a chegar. Muitos duplicavam documentos para poder trabalhar, como quem planta milho em terra seca esperando que a chuva venha. Os bolseiros, que vinham com promessas de estudo, enfrentavam fome e atraso nos subsídios e nós, como irmãos, repartíamos o pouco que tínhamos. Margaret Thatcher foi para nós como uma muralha fria, difícil de transpor. John Major abriu pequenas janelas, mas foi Tony Blair quem, em 1997, abriu as portas da cidadania. A regularização foi como a chuva que cai depois de longa seca. Passámos a trabalhar, a viajar, a sonhar.

Nesse tempo, a comunidade moldou-se como barro nas mãos de um oleiro. Fundámos clubes de futebol, discotecas, associações. Cada iniciativa era uma pedra colocada na construção da nossa casa coletiva. Criámos uma sociedade dentro de outra, como quem ergue uma aldeia no coração de uma metrópole.

A Igreja foi o nosso oásis. Em cada culto, a fé tornava-se pão espiritual, e a esperança era como uma vela acesa contra o vento.

A religião, para o angolano, é mais que crença é, raiz que não se arranca, mesmo em solo estrangeiro. Tottenham, foi o bairro das primeiras chegadas, onde a luta pela sobrevivência era diária.

Brixton, seguiu como o coração cultural, onde o encontro com outras diásporas nos ensinou a partilhar. Paddington era o espaço familiar, onde nasceram clubes e organizações comunitárias. Wembley, o símbolo da vitória, onde cada

“O exercício democrático de 1 de novembro, em que votámos para instituir o Dia da Comunidade Angolana no Reino Unido, foi mais que uma eleição, foi um ritual de afirmação.”

- Kanny Luis -

conquista documental era celebrada como um golo. Estes bairros foram os nossos quatro pilares, como os quatro pontos cardeais que orientam o viajante perdido. Hoje, com filhos, netos e bisnetos, somos uma comunidade que floresceu.

O exercício democrático de 1 de novembro, em que votámos para instituir o Dia da Comunidade Angolana no Reino Unido, foi mais que uma eleição, foi um ritual de afirmação. A escolha de 28 de julho é como plantar uma bandeira no solo britânico, dizendo: “Aqui estamos, aqui ficamos, aqui crescemos.”

Este ato é símbolo da nossa travessia, invisíveis durante décadas, tornámo-nos visíveis como o sol que rompe as nuvens. A comunidade angolana no Reino Unido é hoje parte viva da paisagem londrina, contribuindo em todas as esferas do saber e da cultura.

**O respeito mútuo é o alicerce de qualquer comunidade forte e saudável. Ao respeitar as escolhas e as opiniões dos outros, mesmo quando não concordamos com elas, estamos demonstrando maturidade e tolerância. É importante lembrar que cada indivíduo tem o direito de ter suas próprias crenças e valores.**